



Noção de causalidade no pensamento de Aristóteles

*Paulo Vitor Pinho de Siqueira**

Resumo: Neste artigo, nosso objetivo é expor a doutrina das quatro causas de Aristóteles de um modo geral, isto é, de uma perspectiva abrangente, tanto para aquele que já se debruçou sobre o assunto quanto para aquele que nunca o estudou. Começaremos abordando a importância e o conceito de causa em Aristóteles, onde explicitaremos algumas noções preliminares e importantes da aitiologia aristotélica. Em seguida, exporemos todos os quatro tipos de causa, a saber, as causas que posteriormente ficaram conhecidas como material, formal, eficiente e final. Por fim, analisaremos os modos de causa - os quais são, muitas das vezes, ignorados - elucidando alguns pontos e distinções importantes.

Palavras-chave: Conhecimento; Causalidade; Material; Formal; Eficiente; Final.

Notion of causality in Aristotle's thought

Abstract: In this article, our goal is to show the four causes doctrine of Aristotle in a general way, that is, from a comprehensive perspective, for both the person that already has studied the subject and for the person that never studied. We'll start by addressing the importance and the concept of cause in Aristotle's thinking, where we'll show some preliminar and important notions of the aristotelic aitiology. Then we'll expose all four types of cause, namely, the causes that later became known as material, formal, efficient and final. Finally, we'll examine the ways of cause, which are often ignored, elucidating some important points and distinctions.

* Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: paulovitorpvvv@gmail.com. CV: <http://lattes.cnpq.br/2283653435667796>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5564-6966>.

Keywords: Knowledge; Causality; Material; Formal; Efficient; Final.

1. Importância e Conceito de Causa em Aristóteles

Não é exagero dizer que causalidade ou causação é de grande importância para Aristóteles. Para o Estagirita, causa e explicação são inseparáveis. Ou seja, Só há explicação propriamente dita quando, e somente quando, há causa (*aitia*). Em outras palavras, o propósito de uma investigação aristotélica é responder à “pergunta por que” (*why question*), e, para Aristóteles, esse tipo de pergunta só é respondida de forma estrita quando se enuncia causas¹. Isso enseja, inclusive, uma disputa sobre a correta tradução do termo *aitia*. Nessa, há a alegação de que se deva traduzir o termo não por *causa*, mas que deveríamos falar em quatro *porquês* ou quatro *explicações*. Seguirei, entretanto, a tradução tradicional e tomarei *aitia* como causa, pois, como nos informa Carlos Natali, traduzir *aitiai* por explicações ou porquês é se comprometer com a ideia de que tal noção é principalmente epistêmica (Natali, 2013, p. 58), o que certamente não é o caso em Aristóteles

Ora, ao falar de *porquês*, estamos falando de *explicações*, e *explicações* se dão nocampo epistêmico, mesmo que com referência ao real, à coisa extrínseca à mente. Portanto, traduzir *aitia* por *porquê* é dar um caráter eminentemente epistêmico a tal noção, mas, como veremos, por mais que *aitia* possua tal caráter epistêmico, esse depende e se funda em sua natureza ontológica. Assim, não é errado dizer que *aitia* possui uma natureza epistêmica. Todavia, essa natureza epistêmica se obtém com referência e fundamento na coisa real.

Isso exposto, percebe-se que enunciar causas, no *framework* aristotélico, é condição necessária e suficiente para assegurar um conhecimento mais elevado. De fato, em demonstrações científicas – uma

¹ Stein (2011).

classe especial de silogismo -, como exposto nos Segundos Analíticos, os termos médios exercem a função de uma causa².

Todavia, como dito, devemos nos atentar ao fato de que, para Aristóteles, as causas não têm só importância epistêmica como também ontológica ou metafísica. Quando se captura as causas ou causa de algo, capturamos também um aspecto da própria realidade. Isso é dizer que, para Aristóteles, as causas não são apenas auxílios heurísticos ao nosso intelecto³. As causas são coisas reais que exercem, como veremos, uma determinada função (o que as faz serem, precisamente, causa) e que nos mostram e, portanto, explicam como as coisas realmente são. Portanto, apreender uma causa é apreender um aspecto da própria realidade. Causas dizem respeito a itens no mundo que explicam por que outros itens no mundo são tal como são.⁴ Essa concepção de causa se torna particularmente manifesta tanto em *Física* II 3, como também na requisição de Aristóteles de que o físico deve compreender e estudar todas as quatro causas⁵, bem como em *Metafísica* I 3, onde Aristóteles expõe as concepções de seus predecessores sobre as causas como sendo coisas reais na mobília do mundo e o explicando.

Causalidade em Aristóteles, entretanto, é um assunto complexo e difícil. No *corpus aristotelicum*, ao todo, há 4 listas das 4 causas⁶, nas quais ele designa os quatro tipos de causa de diferentes maneiras, por

² Vide Segundos Analíticos II 11.

³ Ransome Johnson, em *Aristotle on Teleology*, p. 15, afirma, no contexto da causa final, que a perspectiva heurística – a visão segundo a qual a causa final é apenas um auxílio para o nosso intelecto na compreensão dos fenômenos – é uma das maiores ameaças a uma correta interpretação da teleologia aristotélica.

⁴ Para mais detalhes, vide: Angioni (2018), p. 160-185.

⁵ *Física* II 7, 198a22.

⁶ *Física* II 3 e *Metafísica* V 2; *Metafísica* I 3; *Analíticos Posteriores* II 11; *Geração dos Animais* I 1. A razão para apontarmos cinco, e não listas, aqui é que tomamos *Física* II 3 e *Metafísica* V2 como uma só lista.

diferentes nomes e expressões. Porém, as listas principais, por serem as mais detalhadas, são as listas dadas em *Física* II 3 e em *Metafísica* V 2, as quais constituem, na verdade, praticamente o mesmo texto, embora que em obras distintas. Falcon⁷ sugere - de acordo com nossa alegação acima sobre a importância e inseparabilidade de causa e explicação - que essa repetição se dá por conta de que as causas são ferramentas indispensáveis para a investigação da realidade. Afinal, cada ciência aristotélica consiste em uma investigação causal de um determinado departamento da realidade. O curioso, entretanto, é que em nenhuma dessas listas Aristóteles defende sua teoria das quatro causas e nem nos diz de onde provém essa distinção, isto é, com base no que ele a inferiu ou a descobriu. Somos deixados, portanto, no escuro quanto ao fio condutor dessa teoria de Aristóteles. De fato, em *Metafísica* I 3, Aristóteles propõe uma investigação histórica a respeito das quatro causas, buscando mostrar que nenhum filósofo que o precedeu propôs outra espécie de causa que não uma das quatro. Todavia, não está claro se Aristóteles as toma de seus predecessores, ou as infere por outro meio. Mas algo é certo: tendo Aristóteles tomado a distinção das quatro causas de seus predecessores ou não, ele os corrige. Isto é, o Estagirita contemplava a distinção nos seus predecessores, porém de forma deficiente e embrionária. Nas demais passagens nas quais ele trata mais especificamente sobre o assunto das quatro causas (vide nota 3), Aristóteles apenas nos fornece uma lista com alguns exemplos e algumas distinções e clarificações. Soma-se a isso, ainda, outras dificuldades, tais como: o que faz com que todas as causas sejam causas? Qual a natureza das causas?

Não pretendemos, aqui, porém, lidar com todas as dificuldades atinentes à teoria das quatro causas ou, como visto, quatro tipos de

⁷ Falcon, Andrea, "Aristotle on Causality", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Spring 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.).

explicação de Aristóteles. Antes, pretendemos fazer uma exposição geral da teoria, tomando como base sobretudo *Física* II 3 e *Metafísica* V 2, e lidarmos com apenas algumas das dificuldades que surgem ao analisarmos as passagens relevantes para o assunto em questão.

De início, propor-nos-emos a expor o que seja *causa* para Aristóteles e, assim, analisar se a teoria das quatro causas possui alguma noção que faz com que todas as causas sejam, justamente, causas, e não apenas um agregado equívoco de noções diacrônicas e sincrônicas.

A pergunta, então, que pretendemos responder aqui é: “o que é uma causa?”, “o que faz com que todos os quatro tipos de causa sejam precisamente causa?”, “qual o sentido intensional ou conotativo de causa?”. Essas constituem a mesma pergunta posta de diferentes maneiras e sob diferentes perspectivas. Neste contexto, sigo a proposta de Lucas Angioni, segunda a qual se responde tal pergunta - e, portanto, resolve-se o problema acima exposto - através da distinção entre *conotação* e *denotação*. Conotação, ou sentido conotativo, diz respeito às características ou notas distintivas de X. Denotação, ou sentido denotativo, por outro lado, diz respeito às coisas em relação às quais essas características ou notas distintivas X se aplicam, à extensão das coisas a que essas propriedades se aplicam Y. O próprio Aristóteles no diz explicitamente que há o sentido conotativo e denotativo de causa em *Met.* 1052b 1-14.

Tomando isso como base, Angioni argumenta que toda causa é causa na medida em que exerce uma função, sendo tal função o sentido conotativo de causa. O que se quer dizer com isso é que não existe tal coisa na realidade que seja, em si mesma, essencialmente uma causa. Aristóteles contempla um mundo com plantas, animais, movimento, astros e etc., mas não contempla um mundo com coisas que sejam, em si mesmas ou essencialmente, causas. Antes, para Aristóteles, as coisas Y são denominadas como causas por exercerem uma função X. A saber, a função X de fundamentar uma determinada propriedade em um determinado subjacente. É necessário cuidado aqui, pois, como já vimos, as causas são coisas reais, e não estamos negando isso. O que estamos negando, entretanto, é que haja

algo na realidade que seja, em si mesmo, uma causa. Em outras palavras, tudo o que é causa é uma coisa real, porém a essência dessa coisa que é designada causa não é ser causa; tomada em si mesma, essa coisa Y não é causa. Tal coisa Y é causa por e enquanto exerce a função supracitada X. Essa função, então, segundo a proposta de Angioni, é o sentido conotativo de causa X, e tudo aquilo que exerce tal função é, denotativamente, designado como causa.

Com base nisso, toda relação causal envolve o que Angioni designa como estrutura triádica. Ou seja, toda causa é uma causa B de uma propriedade ou atributo A em um determinado subjacente C. Consequentemente, por mais que isso vigore na linguagem de superfície, e mesmo em Aristóteles, estritamente falando, não existe tal coisa como causa de um subjacente tomado à parte de alguma propriedade. Assim, perguntar, por exemplo, “qual a causa da estátua?”, seria, estritamente falando, uma pergunta equivocada. Para que seja feita uma pergunta adequada a fim de capturar uma causa, é necessário especificar uma propriedade de tal subjacente. Assim, uma pergunta adequada seria: “qual é a causa (B) de uma propriedade (A) no subjacente (C)?”, ou, seguindo o exemplo da estátua, “qual é a causa B de uma propriedade A, por exemplo, propriedade ‘existência’ no subjacente estátua?”.

Isso posto, podemos concluir, então, que o que faz com que tudo aquilo que designamos como causa seja causa é, precisamente, a satisfação da estrutura triádica. Ou seja, todas as quatro causas, apesar da diacronicidade e sincronidade inerente a elas⁸, têm em comum a satisfação da estrutura triádica.

Tal visão sobre a natureza de uma causa é, parece-nos, muito bem sustentada se tomarmos como base a exposição de Aristóteles em *Segundos Analíticos* II 11, na qual, como supradito, Aristóteles coloca cada uma das quatro causas como um termo médio em silogismos científicos. Ora, o termo médio é, precisamente, o responsável por unir os termos extremos que

⁸ O fato de algumas estarem relacionadas ao processo de produção de algo e outras à coisa quando é efetivamente, por exemplo, o escultor (diacrônico) e o bronze (sincrônico) em relação à estátua.

representam, no contexto de uma demonstração científica, uma propriedade e um subjacente. Ademais, em *Metafísica* VII 17 (1041a9-b8), Aristóteles também parece enfatizar essa visão. Assim, resolve-se o problema a respeito do porquê todas as quatro causas são causas e qual o conceito de causa em Aristóteles. Todas as quatro causas, não obstante suas peculiaridades, são causas por satisfazerem a estrutura triádica, isto é, fundamentarem uma determinada propriedade em um determinado subjacente. E isso nos dá qual seja o conceito, intensão ou sentido conotativo de causa. Ou seja, mais uma vez, causa é aquilo que fundamenta uma propriedade em um subjacente, não obstante, como dito, não existir nada na mobília do mundo que seja, em si, uma causa. Isto é, causas não são entidades subsistentes em si mesmas. Algo é denominado causa precisamente por exercer essa função, independentemente do que tal seja em si mesmo.

2. As Quatro Causas

Dado o conceito de causa, exporemos, agora, cada uma das quatro causas como Aristóteles as expõe em *Física* II 3, elucidando aspectos importantes sobre cada uma delas. Exporemos, então, e analisaremos os quatro tipos de causa como descritos em *Física* 194b23-195^a2. Todavia, antes de adentrarmos na exposição propriamente dita, é importante ressaltarmos que, assim como precisamos distinguir entre o sentido conotativo e denotativo do gênero causa, também precisamos aplicar essa distinção às quatro espécies de causa. Como veremos, Aristóteles expõe as causas, no texto em questão, primeiramente, pelo seu sentido conotativo e, depois, nos fornece exemplos, os quais nos dão o sentido denotativo. O relevante aqui, então, é que se possa entender que, da mesma maneira que não há nada na mobília do mundo que seja, em si, causa, também, é claro, não há nada que seja, em si, causa material, formal, eficiente ou final. O que há são coisas que exercem a função de causa exposta acima, porém, a depender de como essa função é exercida, tal coisa será classificada como uma das

espécies de causa ou até mais do que uma, visto que uma mesma coisa na móbilis do mundo pode ser, segundo Aristóteles, tanto um tipo de causa como outro⁹.

2.1. Causa Material

Aristóteles começa expondo o que ficou posteriormente conhecido como causa material. É importante, porém, ressaltar que o próprio Aristóteles não utiliza a nomenclatura causa X, onde ‘X’ é um adjetivo. Geralmente, tal tipo de nomenclatura é atribuída aos medievais. Entretanto, já podemos encontrá-la em Cícero, por exemplo, e em alguns peripatéticos e neoplatônicos (Ransome Johnson, 2005, p. 42).

Aristóteles descreve a causa material como “o item imanente de que algo provém” e usa como o exemplo de tal tipo de causa o bronze da estátua e a prata da taça. Ransome Johnson argumenta que é somente por sinédoque que essa causa é, posteriormente, chamada de causa material (Ibid., p. 44-45). Ou seja, a matéria seria apenas uma das coisas querepresentaria esse tipo de causa. Entretanto, tal sugestão parece errônea devido ao conceito aristotélico de matéria.

Para Aristóteles, as coisas são designadas como matéria, assim como dito em relação às causas, por exercerem uma função. Sendo, também, essencial distinguirmos entre sentido conotativo e denotativo para apreendermos tal conceito. E, de modosuscinto, matéria, para o Estagirita, é tudo aquilo que exerce a função de persistir e subjazer durante um processo de devir¹⁰. É precisamente por isso que Aristóteles utiliza como exemplo de causa material a prata e o bronze. A prata e o bronze, ambos, persiste e subjazem ao processo de produção da taça e da estátua. Ambos preexistem ao processo de produção, existem durante

⁹ Física II 7, 198a24.

¹⁰ Para mais detalhes, vide: Angioni (2007).

o processo e persistem ao final do processo. Então, o sentido básico de causa material é aquilo de que algo é feito, ou, de acordo com Tomás de Aquino¹¹, aquilo de que algo provém e que lhe é intrínseco, em contraste com o contrário ou a privação no processo de devir. Esses caracterizam o ponto de partida em um processo de devir, mas não são intrínsecos à coisa que deve ao final do processo. Por exemplo, o branco a partir do preto.

Isso já deveria nos dar alguma advertência sobre chamar esse tipo de causa de “material”, pois, contemporaneamente, esse termo parece semanticamente carregado de tal forma que traz, muitas das vezes, o sentido de algo tangível ou sólido. Entretanto, dentro do sentido conotativo de matéria acima exposto, e como o próprio Aristóteles expõe, coisas como letras podem ser causa material da sílaba, e premissas, causa material da conclusão.

As letras são causas das sílabas como “aquilo de que”, assim como a matéria é causa daquilo que pode ser fabricado; o fogo (bem como os elementos de tal tipo) é causa dos corpos; as partes, causas do todo; e as hipóteses, causas da conclusão. (Fís. II 3, 195^a15-19, Angioni)

2.2. Causa Formal

Aristóteles, depois, expõe o que ficou conhecido como causa formal. Ele a descreve como “a forma e o modelo, isto é, a definição do aquilo que o ser é” e dá como exemplo “da oitava, o dois para um e, em geral, a relação numérica”. É difícil entender por que Aristóteles fala de “modelo” neste contexto. Não há nenhum esclarecimento quanto a isso no texto. Lucas Angioni afirma que, talvez, Aristóteles estivesse fazendo referência a alguma similaridade entre a sua doutrina e a doutrina platônica (Angioni,

¹¹ Comentário à Metafísica de Aristóteles, Livro V, Lição 1.

2009, p. 260). Tomás de Aquino, por outro lado, sugere que a causa formal se compara à coisa duplamente: a forma intrínseca, que diz respeito à espécie de algo, como quando um animal gera outro e transmite, intrinsecamente, sua forma; ou a forma extrínseca, que seria aquilo em semelhança do qual algo é feito, e esse exemplar em semelhança do qual a coisa é feita seria sua forma¹². Por isso, afirma Tomás, Platão considerava as ideias como formas.

Todavia, a palavra forma (*eidōs*, *morphe*) em Aristóteles é extremamente flutuante e pode designar várias coisas distintas¹³. Stein chama atenção para a pluralidade de coisas que a palavra “forma” pode indicar. Ele diz:

The notion of form implied by the statue example is simply that of shape. Form, however, is much wider for Aristotle: sometimes the relevant form is a quality such as a shape or color, as in the theory of change mooted in Physics I, but, more robustly, a form is an essence – sometimes called *ti ên einai* (the-what-it-is) – that in virtue of which something is the kind of thing it is (paradigmatically, a member of a given biological species). Formal causes also include such things as ratios (as in the passage cited above), souls (forms of living bodies), and constitutions (structures of political entities). Clearly, then, Aristotle is committed to a more robust notion of the formal cause than that of shape. (Stein, 2011, p. 702)

Tendo isso em mente e consciente das dificuldades, parece correto afirmar que, para Aristóteles, no mais das vezes, quando ele se refere à causa formal, ele está se referindo à noção de essência, àquilo que a coisa é. Ou seja, aquilo sem o qual algo não seria o que é e que faz tal coisa ser precisamente um indivíduo membro de uma determinada espécie.

¹² Comentário à Metafísica de Aristóteles, Livro V, Lição 2.

¹³ Bostock (2006), p. 79-102, por exemplo, conclui que a noção aristotélica de forma não constitui um todo coerente.

Ademais, a própria descrição de Aristóteles dessa causa como “a definição do aquilo que o ser é” é estranha. Mais estritamente falando¹⁴, a forma é a essência de algo, que diz respeito à função da coisa, como Aristóteles nos dá a entender em outros contextos. Angioni define ‘forma’ como a função de X mais a estrutura e as propriedades que pertencem a X necessariamente em vista de sua função (Angioni, 2009, p. 259-60). Assim, a forma, estritamente tomada, não seria o enunciado *definiens*, mas aquilo a que o enunciado *definiens* se refere.

Portanto, concluímos com as seguintes considerações: o conceito de ‘forma’ em Aristóteles é bastante flutuante, mas, em um sentido mais estrito, Aristóteles parece se referir à forma como aquilo que faz algo ser o que é. Essa noção de forma como essência vigora em vários lugares dos textos aristotélicos. Mas e quanto as demais coisas que são designadas como forma? A figura, por exemplo. Elas também podem ser causa formal? Se sim, o que há de comum em todas elas pelo que elas são, todas, causa formal? Esses são problemas de difícil resolução e o espaço aqui não nos permite mais aprofundamentos. Tais problemas serão analisados em um artigo posterior.

2.3. Causa Eficiente

Aristóteles prossegue, segundo sua exposição no capítulo em questão, descrevendo a causa que ficou conhecida como eficiente. O Estagirita a descreve como “aquilo de onde provém a origem do movimento ou repouso” e dá-nos como exemplo o pai em relação ao filho, aquele que delibera, quem produziu em relação ao produzido e aquele que efetua

¹⁴ O conceito de forma, como vimos, em Aristóteles é amplo e pode se referir a uma pluralidade de coisas. Às vezes, Aristóteles designa como forma aspectos acidentais (Fís. I 7, 190b 23), às vezes, a figura ou formato de algo. Mas o sentido mais estrito e usual de forma em Aristóteles parece fazer referência à essência de algo.

mudança em relação ao que se muda. Tais exemplos são-nos úteis para mostrar o escopo desse tipo de causa.

De acordo com os exemplos, percebemos que Aristóteles tem em mente, neste contexto, aquilo que é o responsável primeiro por originar um processo de devir (ou pará-lo). Ou seja, aquilo que é o responsável primeiro (ou último, a depender da perspectiva)¹⁵ por um processo de devir em contraste com o que é, às vezes, posteriormente designado como causa instrumental, que não é aquilo que primeiramente origina um processo de devir, mas que está subordinado àquilo que origina, cooperando com tal “iniciador”. Isso fica mais claro quando, mais adiante (Fís. II 3, 194b29-195^a1), após expor a causa final, Aristóteles ainda se refere a uma outra causa. Ele diz que é causa “tudo aquilo que, tendo outra coisa inaugurado um processo de devir, vem a ser um intermediário para o fim”. A priori, pareceria que Aristóteles estaria incluindo um quinto tipo de causa. Entretanto, tal interpretação não possui base textual suficiente. Aristóteles nunca fala em cinco tipos ou espécies de causa. No capítulo 3 do livro I da Metafísica, como vimos, Aristóteles faz uma investigação justamente com a finalidade de saber se há algum outro tipo de causa além das quatro e conclui negativamente.

Portanto, uma das coisas que isso indica é que Aristóteles pensa na causa eficiente como subdividida em dois tipos: aquilo que é primeiramente responsável por um processo de devir e aquilo que, tendo em vista uma origem primeira que tenha originado um processo de devir, vem a funcionar como uma causa eficiente auxiliar, isto é, como um instrumento adequado para alcançar o fim dado por aquilo que é primeiramente responsável por originar o processo de devir. Podemos pensar, aqui, como exemplo, na arte da medicina e no bisturi em relação à cura. A arte da medicina é aquilo que é o responsável primeiro por originar o processo de devir em vista da cura, que é o fim dado pela arte da medicina. O bisturi, por sua vez, seria aquilo

¹⁵ Referimo-nos a “primeiro” partindo da perspectiva da causa para o causado. Todavia, se se inverte a perspectiva, poderíamos falar em “último”.

que, sob o comando da arte da medicina, funciona como instrumento adequado para alcançar o fim imposto pela arte da medicina.¹⁶

2.3. Causa Final

Por fim, Aristóteles expõe a causa posteriormente conhecida como *causa final*. Ele designa tal causa como “fim, isto é, aquilo em vista de quê” e utiliza o exemplo do caminhar em vista da saúde. Segundo ele, quando se caminha para que se obtenha saúde, a saúde é a causa enquanto aquilo em vista de quê do caminhar. No contexto deste tipo de causa, é importante salientarmos, como ilustra Ransome Johnson, que nem todo fim é uma causa enquanto aquilo em vista de quê (Ransome Johnson, 2005, p. 82-85). Esse tipo de causa não abrange, por exemplo, a noção de estágio final ou ponto terminal. A morte é o estágio final ou ponto terminal da vida; todavia, não é o aquilo em vista de quê da mesma, não é o propósito, aquilo para o qual a vida é. Antes, a causa final é fim no sentido de um limite que faz as coisas atingíveis, possíveis, alcançáveis. O fim per se do olho enquanto olho é ver, e, a partir desse fim, limite estabelecido, se dá a geração e estrutura do olho. De fato, se prosseguíssemos *ad infinitum* nos fins de algo, nada seria feito ou existiria. Se o processo deliberativo, por exemplo, sempre acrescentasse um outro fim para a ação, nunca haveria ação. Se se faz uma ação X em vista de Y e Y em vista de Z, sendo Z um fim último, então há um *ground* para o início da cadeia de ações. Mas, se não se instaura um limite tal como Z, então não se inicia a ação, sob o pressuposto de que toda ação deliberada se dá em vista de um fim.

Também, é preciso mantermos em mente que a expressão “aquilo em vista de quê” pode se referir a duas coisas e ter dois sentidos, como o próprio

¹⁶ Além dessas distinções, Tuozzo propõe, ainda, outras distinções ulteriores complexas envoltas na causa eficiente. Para mais detalhes, vide: Tuozzo (2014).

Aristóteles nos mostra em cinco lugares distintos em suas obras¹⁷. Um sentido diz respeito ao propósito de algo: a cura em relação à medicina; o outro sentido refere-se ao beneficiário de algo: o paciente em relação à medicina. Todavia, é a noção de propósito que vigora no âmbito da causa final, como podemos ver pelo exemplo da saúde sendo o propósito do caminhar.

Ademais, afirmamos, pelo mesmo trecho que expomos ao tratar da causa eficiente (194b29–195^a1), que Aristóteles também vê a causa final como subdividida em dois tipos, semelhantemente à causa eficiente. Há a causa final última, e, também, a causa final instrumental, que se dá em vista da causa final última. Ora, se, como Aristóteles diz, é causa tudo aquilo que, tendo outra coisa vindo a ser, vem a ser um intermediário para um fim, podemos pensar em uma cadeia de coisas envolvidas nesse processo causal: A, b, c, D¹⁸. Nesse caso, as coisas anteriores nessa cadeia (A em relação a b, b em relação a c, e etc.) são causas eficientes das posteriores, e A, a primeira coisa da cadeia, é a causa eficiente inaugural, digamos assim, em contraste com as causas eficientes auxiliares ou instrumentais para o fim D. Todavia, as coisas posteriores (b em relação a A, c em relação a b, e etc.) são causas finais das anteriores, e D é a causa final última. Por exemplo, a arte da medicina (A) é a causa eficiente inaugural de um processo de devir em vista da cura (D). A arte da medicina, então, é a causa eficiente inaugural da administração de certo remédio (b) e de todas as demais etapas no processo que se dá em vista da cura. O remédio, porém, é a causa eficiente instrumental do emagrecimento (c), que é a causa eficiente instrumental da cura (D). Ora, nesse exemplo, também podemos avaliar o caso da seguinte maneira: o remédio (b) é a causa

¹⁷ Física II 2, 194^a35-6; De Anima II 4, 415b2-3, 415b20-1; Metafísica XII 7, 1072b1-3; Ética a Eudemo VII 15, 1249b15.

¹⁸ A e D são letras em maiúsculo por representarem a causa eficiente inaugural e a causa final última.

final instrumental da arte da medicina (A), o emagrecimento (c), do remédio e da arte da medicina, e a cura (D) é a causa final última de todos os anteriores. Portanto, as coisas anteriores em um processo de devir são causas eficientes das posteriores e as posteriores, causas finais das anteriores.

No contexto da causa final, entretanto, há, na literatura secundária, muito debate. Não é nosso propósito aqui adentrar nessas querelas, todavia vale mencionar pelo menos uma dificuldade. Aristóteles certamente não é nem um negacionista teleológico, nem um intencionalista teleológico (Shields, 2007, p. 74). Isto é, Aristóteles não nega, como Demócrito, que haja de fato causalidade final. Mas também, como parece fazer Anaxágoras, não restringe a causalidade final somente ao contexto da agência intencional. Dessa visão, entretanto, surge muitas objeções e interpretações distintas de Aristóteles. Uma das mais famosas objeções é a *objeção da causação reversa*. Segundo essa objeção, não pode haver causa final fora do contexto da intencionalidade porque, assim, haveria um efeito X sendo cronologicamente anterior à sua causa Y. Portanto, surge a questão: como aquilo que não existe (X) pode exercer algum tipo de influência causal sobre Y? A essa objeção, a resposta principal, na literatura secundária em defesa da visão aristotélica, parece ser uma pelo à noção de forma. Argumenta-se que é a forma - intrínseca às coisas naturais e existentes - que, devido à sua própria natureza, desenvolver-se-á, caso a matéria na qual ela se dá permita, em um estado¹⁹. David Furley, entretanto, argumenta que recorrer à forma dessa maneira é, na verdade, reduzir a causa final à causa eficiente²⁰. Tais problemas, todavia, são complexos e não constituem nosso foco neste artigo.

¹⁹ Vide, por exemplo: Hankinson (1998), p. 146.

²⁰ Furley (1996).

3. Os Modos e as Relações entre as Causas

Expostas, então, as quatro causas, prosseguiremos por mostrar outras distinções feitas por Aristóteles, ainda tendo como base *Física* II 3 e a exposição paralela de *Metafísica* V 2. Não se trata de distinções tão conhecidas como os quatro tipos causa, mas Aristóteles também nos dá o que ele chama de *modos (tropoi)* de causa (195^a26). Os modos de causa são os modos segundo os quais as causas (e os causados) podem ser designadas como causas.

Aristóteles faz as seguintes distinções: uma causa pode ser particular ou gênero, accidental ou per se, simples ou composto e em ato ou em potência. Uma causa particular, aqui, diz respeito não a um indivíduo, isto é, algo determinado, mas a qualquer causa mais restrita em contraste com o gênero no qual está contida. Essa causa é posterior em relação ao gênero. No contexto da causa eficiente, quando se está envolvida uma capacidade racional – uma origem de movimento existindo em outra coisa que não a coisa movida, e que existe na alma de uma pessoa, como a arte da medicina, o conhecimento do escultor enquanto escultor –, a causa mais posterior, isto é, a mais particular e precisa, não é a pessoa que possui a arte, mas a arte particular que tal pessoa possui, como coloca Aristóteles:

É preciso sempre buscar a causa mais extrema de cada coisa, como nos outros casos (por exemplo: o homem constrói casa porque é construtor, e o construtor constrói segundo a arte da construção: ora, esta última é anterior, e é assim em todos os demais casos). (Fís. II 3, 195b21)²¹

²¹ Aristóteles designa a “arte da construção” como anterior e não como posterior, como nossa exposição sugere. Resolve-se isso, entretanto, por notar que ser anterior ou posterior depende da perspectiva assumida. Se a perspectiva é da coisa causada para a causa, anterior seria a arte da construção. Se é, porém, da causa para o que é causado, anterior seria o gênero no qual a arte da construção se encontra.

A causa como gênero é a causa que é o item mais universal que contém a causa que, em relação a ela, como dito, é posterior ou particular, ou que contém todos os outros itens que contém a causa posterior ou particular, no sentido daquela causa mais estritamente especificada. Aristóteles nos dá o exemplo, em relação à saúde, do especialista como causa anterior (gênero) e o médico como causa posterior (particular).

A Causa per se, por sua vez, diz respeito àquilo que de fato mantém ou possui uma relação causal com algo²². Devemos entender esse modo de causa em contraste com a causa accidental ou concomitante, visto que são termos relativos no vocabulário aitiológico de Aristóteles. Causa concomitante, então, diz respeito àquilo que não mantém uma relação causal com algo, mas que acompanha, de alguma forma, aquilo que contém. Por exemplo, a causa eficiente per se da cura, pelo menos em um nível de análise, é o médico, mas esse médico pode ser branco ou negro, baixo ou alto e tais coisas seriam, assim, classificadas como causa accidental. Aristóteles também diz que os itens mais universais que contém aquilo que é causa accidental também são causas. Portanto, temos o seguinte esquema: a causa accidental é tanto a coisa que possui aquilo que é per se causa de algo, como também algum atributo daquilo que possui o item que é per se causa de algo, e os itens mais universais que contém essas causas accidentais mais específicas. Esse modo de causa é exposto assim por Aristóteles:

Além disso, denominam-se causas aquilo que é concomitante e seus gêneros, por exemplo, da estátua, de certo modo a causa é Policleto, mas, de outro, é o escultor, porque sucede concomitantemente ao escultor ser Policleto. Denomina-se causa também aquilo que contém o concomitante, por exemplo, um homem, poderíamos dizer, é causa da estátua ou, em geral, um animal. Até mesmo entre os concomitantes, uns são causa de modo mais remoto ou mais próximo que outros, por exemplo, se o branco e o musical fossem denominados causa da estátua. (Fís. II 3, 195^a32-195b2)

²² Entendendo “algo”, aqui, como a atribuição de uma propriedade em um subjacente.

A causa pode ser simples ou composta. Ou seja, podemos designar um só termo para nos referirmos a uma causa (simples), como escultor, ou mais de um termo (composta), como Policleto escultor.

E, finalmente, é causa tanto aquilo que está em ato, isto é, em ato segundo - que diz respeito não meramente à obtenção de certa capacidade, como também à realização dessa; assim, está em ato segundo não uma pessoa que sabe, por exemplo, falar inglês, mas uma que saiba falar inglês e está efetivamente falando - como também aquilo que está em potência. Dessa forma, pode ser causa da cura tanto o médico efetivamente atuante quanto o médico em potência. Porém, Aristóteles propõe uma simetria ao falarmos das causas e as coisas causadas no contexto desse modo de causa. A causa em ato segundo, isto é, efetivamente atuante, é causa de algo também em ato. A causa em potência, igualmente, causa de algo em potência.

Ademais, também é possível haver várias causas para uma mesma coisa.

Aristóteles diz:

há várias causas para uma mesma coisa, não por concomitância; por exemplo, tanto a arte de esculpir como o bronze são causas da estátua não enquanto ela é outra coisa, mas enquanto estátua, embora não do mesmo modo — uma é como matéria, a outra é como aquilo de onde provém o movimento. (Fís. II 3, 195^a5-9)

Apesar do exemplo de Aristóteles não fazer referência ao atributo de que essas causas são causas no subjacente estátua, já vimos que, estritamente falando, o correto seria dizer que há várias causas para uma mesma coisa, tomando “coisa” como atribuição de uma propriedade a um subjacente. Assim, pode haver várias causas, por exemplo, para a propriedade “existência” em um subjacente qualquer. Tomemos como exemplo a propriedade existência no subjacente estátua de bronze. A causa eficiente é o escultor, a material, o bronze, a final, prestar uma homenagem, e a formal, sua figura ou função.

Todavia, essas quatro causas competem entre si, no sentido de haver uma subordinação entre elas²³. Em uma análise resumida, a causa final subordina todas as demais. É a causa final que faz a figura ser aquela que é – tomando causa formal aqui como figura - e a causa formal que faz a matéria ser qual seja, mesmo que possa haver certa variação na figura e matéria. Todavia, o ponto é que, mesmo havendo certa variação, não há um leque ilimitado de opções quanto à figura e à matéria, e, em análise última, a causa final é a responsável por tal limitação nas opções. Portanto, como nos diz Tomás de Aquino, a causa final é a causa das causas (*causa causarum*).

Isso posto, cumpre-nos ressaltar que todos esses tipos de causa são causa na medida em que fundamentam uma propriedade em um subjacente. Assim, aquilo de onde provém a origem do movimento, aquilo em vista de quê, a definição do aquilo que o ser é e o item imanente de que algo provém devem exercer tal função, devem fundamentar uma propriedade em um subjacente.

4. Conclusão

Concluimos, portanto, recapitulando que expusemos a importância e o conceito de causa em Aristóteles, com a ideia de causa como aquilo que satisfaz a estrutura triádica supramencionada. Também expomos cada um dos quatro tipos de causa e seus modos (*tropoi*). Todas essas questões possuem um quê de dificuldade. Não é fácil, muitas das vezes, apreender exatamente a intenção semântica do Estagirita, sobretudo pelo caráter esotérico de seus textos e pela distância cultural e idiomática de Aristóteles em relação a nós. Todavia, apreender seus ensinamentos, reflexões, noções, distinções e teorias pode ser de grande utilidade para aqueles que estão em busca do saber seja especulativo ou prático. A doutrina das quatro causas,

²³ Para mais detalhes, vide: Angioni (2011).

por exemplo, se bem sucedida, ajuda-nos a compreender melhor o mundo e as coisas ao nosso redor. E, mesmo se não bem sucedida por completo, ainda pode nos auxiliar na busca da verdade e compreensão do mundo, quando aliada de outros desenvolvimentos de outros pensadores, fazendo parte de conjunto de ferramentas que nos auxiliam a compreender a realidade nas mais variadas ciências e campos do saber.

Referências Bibliográficas

ANGIONI, Lucas. *A Noção Aristotélica de Matéria*. Cad. Hist. Fil. Ci., Campinas, Série3, v. 17, n. 1, p. 47-90, 2007.

ANGIONI, Lucas. *Aristóteles, Física I & II*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ANGIONI, Lucas. *As Quatro Causas na Filosofia da Natureza de Aristóteles*. Anais de Filosofia Clássica, Campinas, SP, vol. V nº 10, ISSN 1982-5323, p. 1-19, 2011.

ANGIONI, Lucas. *Causality and Coextensiveness in Aristotle's Posterior Analytics* 1.13. Oxford Studies in Ancient Philosophy, Volume LIV, p. 160-185, 2018. <https://doi.org/10.1093/oso/9780198825128.003.0005>

AQUINO, Tomás. *Comentário à Metafísica de Aristóteles V – VIII*, Volume II, Campinas: Vide Editorial, 2017.

BOSTOCK, David. *Space, Time, Matter, and Form: Essays on Aristotle's Physics*. New York: Oxford University Press, 2006. <https://doi.org/10.1093/0199286868.001.0001>

FALCON, Andrea, *Aristotle on Causality*, The Stanford Encyclopedia of Philosophy(Spring 2019 Edition),Edward N. Zalta (ed.), URL= <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/aristotle-causality/>>. (acesso em: 26/02/2020).

FURLEY, David. *What Kind of Cause is Aristotle's Final Cause?*. In Michael Frede & Gisela Striker (eds.), *Rationality in Greek Thought*. New York: Oxford University Press, p. 59-80, 1996.

HANKINSON, Jim. *Cause and Explanation in Ancient Greek Thought*. New York: Oxford University Press, 1998.

NATALI, Carlo. *Aitia in Plato and Aristotle: from everyday language to technical vocabulary*. Aitia I: Les quatre cause d'Aristote: Origines et interprétations (Aristote. Traductions Et Etudes), p. 40-73, 2013.

RANSOME, Monte. *Aristotle on Teleology*. New York: Oxford University Press, 2005. SHIELDS, Christopher. *Aristotle*. New York: Routledge Philosophers, 2007.

STEIN, Nathanael. *Causation and Explanation in Aristotle*. Florida: Philosophy Compass, p. 699–707, 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1747-9991.2011.00436.x>

TUOZZO, Thomas. *Aristotle and the Discovery of Efficient Causation*. Efficient Causation, A History, Tad M. Schmaltz. New York: Oxford University Press, 2014. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199782185.003.0002>

Data de registro: 20/08/2021

Data de aceite: 18/03/2022